

MILLER GUERRA

O Médico, O Professor, O Mestre

Quando saía do Hospital à pressa, entre a emoção de saber que o Mestre tinha falecido e a necessidade de responder à interpelação de uma doente, ressoou esta pergunta: ***O Prof. Miller Guerra ainda trabalha neste Serviço? Não, disse, acabou de falecer! Que pena retorquiu a doente consultei-o há muitos anos e gostava de o consultar outra vez, era um grande médico!*** Assim o viam os doentes, os colegas, os discípulos.

Sempre disponível no seu Gabinete no Piso 8 do Serviço de Neurologia e Neurocirurgia do Hospital de Santa Maria, ele observava meticulosamente todos os doentes que lhe eram apresentados. Punha então em prática uma semiologia neurológica que nos fascinava, logo seguida de um juízo de valor sobre a relação entre os sinais encontrados e as queixas do doente. Cada observação era uma lição de método, de erudição e de humanidade. O doente era para ele o fim último de toda a técnica e elaboração científica ***Nunca deixem um doente sem terapêutica... etiológica se possível, sintomática se necessária; psicoterapia, empatia com o doente, sempre.*** Frases suas ressoam como címbalos — ***Vocês são responsáveis pelo doente total e pessoalmente. Assumam os vossos doentes não como propriedade mas com responsabilidade inalienável ou ainda O doente tem o direito à verdade mas não devemos agredi-lo com ela, pode levar dias, semanas ou meses a dizê-la, depende dos casos, o problema é nosso, dos médicos. Toda a agressão ao doente é iatrogénica, não são só os medicamentos que podem provocar doença.*** O respeito pelo doente, pela família e até pelo colega era-nos inculcado dia a dia. As aulas teórico-práticas de neurologia, realizadas com doentes, transmitiam já aos alunos estas imagens e estes conceitos.

Com a Deontologia Médica e a História de Medicina completava-se este ciclo de compreensão e valorização do acto médico.

Quem era Miller Guerra? O seu retrato foi já traçado com grande lucidez e elegância por Celestino da Costa e João Lobo Antunes. Salientaremos apenas algumas facetas da sua personalidade na perspectiva dos que foram seus discípulos. Com uma preparação neurológica elaborada em contacto com os maiores do seu tempo (Barré, Kammerer, Guillain, Ajuriaguerra, Marcel David, Pierre Puech, Hécaen, Fishgold, ***a influência de António Flores vincou-lhe o espírito a tal ponto que nenhuma outra a igualará*** (pág. 13 do seu Curriculum Vitae).

A força do génio na investigação científica, essa foi-lhe revelada pela mente prodigiosa de Egas Moniz. O conhecimento pormenorizado da

angiografia cerebral e suas potencialidades levou-o a constituir-se em autêntico embaixador da difusão deste método nos vários centros da Europa que frequentou e onde fez conferências e demonstrações sobre a técnica, correspondendo a solicitações dos respectivos Serviços.

Mas foi outro o tema que apaixonou Miller Guerra e constituiu o cerne dos seus próprios trabalhos de investigação — o síndrome cerebeloso e o síndrome vestibular. Usando de mestria semiológica e conhecimentos fisiológicos e neuropatológicos, Miller Guerra soube retirar ilações fisiopatológicas originais que constituíram a sua tese de Doutoramento e que mereceram o reconhecimento internacional tendo aquela sido publicada em língua francesa (Masson et Cie) com prefácio de F. Bremer.

Para Miller Guerra os síndromas vestibular e cerebeloso são distintos tanto do ponto de vista clínico como neurofisiológico e neuropatológico, considerando embora a importância das projecções vestibulares no cerebelo e a coexistência dos dois síndromas, como acontece, por exemplo, na esclerose em placas. Sempre o disse e sempre o demonstrou na prática clínica. A moderna ciência não o desmentiu.

Para além deste tema, o seu pendor para a neuropsiquiatria e o seu relacionamento com Barahona Fernandes originaram a produção de trabalhos, conferências e lições nas áreas de fronteira entre *mente e cérebro* tais como a *Neurofisiologia das Emoções, Morfologia Cerebral e Funções Psíquicas, As relações da Neurologia com a Psiquiatria, Reflexões sobre a Psiquiatria e Psicanálise*.

Ainda nesta área ressalta o seu interesse pela leucotomia pré-frontal que valeu o Prémio Nobel a Egas Moniz e cujas consequências neurológicas e neuropsicológicas foram analisadas por Miller Guerra, assim como aspectos éticos e científicos que se debatem ainda hoje e que ele apontava já com uma lucidez admirável: *Egas Moniz veio antes do tempo, idealizou a leucotomia pré-frontal antes que estivessem bem definidas as funções do lobo frontal* diz ele na biografia sobre este cientista ... *Na verdade a leucotomia é que gerou uma série de trabalhos de que resultou o conhecimento das funções destas áreas cerebrais e particularmente da sua relação com as funções psíquicas. A função cerebral parece ser, ao mesmo tempo, o resultado da actividade de regiões especialmente diferenciadas que uma organização superior integra num todo unitário. Ou dito por outros termos, a função cerebral é uma unidade na diversidade e mais adiante: as funções intelectuais e afectivas, bem como as actividades psíquicas da mente, tais a personalidade, não estão localizadas no lobo frontal, como pensavam os clínicos estritamente organicistas. Estas funções mantêm-se após a lesão limitada das áreas frontais, com lesões mais extensas determinam-se perturbações de várias natureza...* em *Ensaio-Morfologia Cerebral e Funções Psíquicas*.

Colaboração frutuosa foi a que se verificou com Almeida Lima e J. Lobo Antunes não só em numerosos trabalhos de correlação neurológica/neuropatológica/neurocirúrgica mas sobretudo no alicerçar de uma

Escola que teve o privilégio de reunir personalidades de valor tão excepcional.

Não se compadecia porém a dimensão intelectual e humana de Miller Guerra com os limites da Neurologia ou mesmo da Medicina. A sua figura projectou-se mais largamente no seu tempo e para além dele, no ensino, na saúde, em ensaios literários e biográficos.

O Prof. Miller Guerra tinha a capacidade de ver os acontecimentos de cima sem se eximir a vivê-los no dia a dia. Nas bancadas da Assembleia da República como Bastonário da Ordem dos Médicos e antes disso de parceria com Jorge Horta (outra figura insigne da Medicina Portuguesa) elaborando o *Relatório das Carreiras Médicas*, ele foi sempre o Médico, o Professor, O Mestre.

O seu espírito de pesquisa levava-o a fazer os diagnósticos, prever as consequências, propor terapêuticas atempadas.

Sobre a Política de Saúde dizia: ... **tem por fim colocar ao serviço de toda a população os meios necessários para prevenir a doença e promover a saúde completa física e mental. A maioria dos homens adocece e morre de males perfeitamente evitáveis, adocece injustificadamente e morre prematuramente** e seguia-se uma análise pormenorizada dos problemas.

Sobre a Universidade teve o arrojo de afirmar que as Universidades não se autorreformam **é necessário criar novas Faculdades de Medicina...** marcando mais adiante **o caracter competitivo que as novas Faculdades introduzirão no ensino...** e defendendo que só uma competição saudável e um ensino criado de raiz poderia modificar as Faculdades.

O homem que **sabia** como deveria ser organizado o ensino, como deveria ser orientada a saúde recusou sempre o comando directo — veja-se a recusa da cátedra de Neurologia, e de lugares políticos — justa medida da sua auto-avaliação, não se considerava e, portanto, não era um executivo.

E, no entanto, é difícil encontrar quem tenha tido influência mais marcante na construção do pensamento e na viragem da história do seu tempo não só nas áreas específicas da saúde e ensino mas em todo o processo que conduziu no nosso país a uma ordem nova.

Espírito aberto e moderno viveu uma perspectiva de um futuro melhor, mais justo e mais humano para a medicina e para a sociedade.

E acima de tudo isto que é transitório, Miller Guerra foi um homem de fé, de fé num Deus Criador e Redentor, de fé nos homens que ele desejava livres e responsáveis, tal como Deus em quem ele acreditava.

Esse encorajamento, essa aposta no futuro, todos nós, os seus discípulos o sentimos não uma mas várias vezes, sempre que por palavras ou actos nos demonstrava a sua confiança e nos incitava a prosseguir. Até os mais jovens que só conheciam de tradição a sua fase de apogeu, puderam vê-lo e ouvi-lo quando, com uma modéstia (que era por si só uma lição) intervinha nas Sessões do Serviço à 5.^a feira. Perguntava no fim **Quem é este médico ou médica? É fulano, Professor** informávamos **Que**

bons elementos vocês têm, como são válidos e quanto sabem estes jovens! Muito bem!

Depois contava como eram *as coisas* no seu tempo. E ainda nos últimos anos fez ele próprio algumas Sessões, uma delas (não poderia deixar de ser) sobre Antero de Quental. A sua investigação sobre a psicopatologia de Antero tornou-se quase uma vivência que se exacerbou neste último período da sua vida.

Algumas alegrias conseguiram, no entanto, passar a névem que se adensava sobre quem já não era quem tinha sido outrora. Uma delas foi certamente o progresso enorme das neurociências, progresso que entre nós tem dado também alguns frutos, por ele muito apreciados.

Os seus livros criteriosamente distribuídos segundo os interesses e penhores de cada um dos seus amigos e discípulos constituem a expressão discreta mas profunda do traço indelével que ele nos deixou como mentor de muitas gerações.

Na galeria dos grandes vultos da Medicina Portuguesa, Miller Guerra terá sempre o seu lugar de honra pelo que foi, pela obra que deixou, pela escola que criou e que a ele vai buscar inspiração, às vezes conscientemente, outras vezes até sem o saber, ou confessar.

*A criação da ordem racional e
o alargamento indefinido do domínio
da justiça tal é a definição de progresso
Antero de Quental
(Tendências Gerais 1890)*

M.^a LOURDES SALES LUÍS,
FRANCISCO PINTO